



# SÃO MIGUEL E RINCÃO DOS MARTIMIANOS

ANCESTRALIDADE  
NEGRA E DIREITOS  
TERRITORIAIS



ORGANIZADORES :

JOSÉ CARLOS GOMES DOS ANJOS

SERGIO BAPTISTA DA SILVA



COMUNIDADES  
TRADICIONAIS



# SÃO MIGUEL E RINCÃO DOS MARTIMIANOS



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL**

---

Reitora

**Wrana Maria Panizzi**

Vice-Reitor

**José Carlos Ferraz Hennemann**

Pró-Reitor de Extensão

**Fernando Setembrino  
Cruz Meirelles**

Vice-Pró-Reitora de Extensão

**Renita Klüsener**

---

**EDITORA DA UFRGS**

Diretora

**Jusamara Vieira Souza**

**CONSELHO EDITORIAL**

**Antônio Carlos Guimarães**

**Aron Taitelbaun**

**Carlos Alberto Steil**

**Célia Ferraz de Souza**

**Clovis M. D. Wannmacher**

**Geraldo Valente Canali**

**José Augusto Avancini**

**José Luiz Rodrigues**

**Lovois de Andrade Miguel**

**Maria Cristina Leandro Ferreira**

**Jusamara Vieira Souza, presidente**

**Editora da UFRGS** • Av. Paulo Gama, 110, 2º andar - Porto Alegre, RS - 90040-060 - Fone/fax (51) 3316-4090 - editora@ufrgs.br - www.editora.ufrgs.br • *Direção:* Jusamara Vieira Souza • *Editoração:* Paulo Antonio da Silveira (coordenador), Carla M. Luzzatto, Maria da Glória Almeida dos Santos e Rosângela de Mello; suporte editorial: Andréa Lisboa Ilha (bolsista), Carlos Batanoli Hallberg (bolsista), Fernando Piccinini Schmitt, Gabriela Carvalho Pinto (bolsista) e Luciane Santos de Souza (bolsista) • *Administração:* Najára Machado (coordenadora), José Pereira Brito Filho, Laerte Balbinot Dias e Maria Beatriz Araújo Brito Galarraga; suporte administrativo: Ana Lucia Wagner, Jean Paulo da Silva Carvalho, João Batista de Souza Dias e Marcelo Wagner Scheleck • *Apoio:* Idalina Louzada e Laércio Fontoura.

# SÃO MIGUEL E RINCÃO DOS MARTIMIANOS:

ANCESTRALIDADE NEGRA E DIREITOS TERRITORIAIS

Organizadores:

José Carlos Gomes dos Anjos

Sergio Baptista da Silva



© dos autores  
1ª Edição: 2004

Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Ivan Vieira

Revisão: Luís Augusto Junges Lopes  
Gabriela Carvalho Pinto

Editoração eletrônica: Núbia Huff

---

S239                      São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais / organizado por José Carlos Gomes dos Anjos e Sergio Baptista da Silva; losvaldyr Carvalho Bittencourt Júnior... [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2004.

(Série Comunidades Tradicionais).

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Perícia socioantropológica. 3. Estudos etnográficos – São Miguel – Rincão dos Martimianos – Rio Grande do Sul. 4. Comunidades negras rurais – Quilombos – Rio Grande do Sul. I. Anjos, José Carlos Gomes dos. II. Silva, Sergio Baptista da. III. Bittencourt Júnior, losvaldyr Carvalho. IV. Título. V. Série.

CDU 572

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(Ana Lucia Wagner – CRB10/1396)

ISBN: 85-7025-740-6

# O TERRITÓRIO NEGRO DO RINCÃO DOS MARTIMIANOS

Sergio Baptista da Silva

## O espaço transformado em território negro

A terra, para muito além de ser um conjunto de elementos naturais, ecológicos, cuja materialidade está ao alcance dos cinco sentidos, pois podemos ver seus contornos, suas formas e seus desdobramentos, ouvir seus sons e murmúrios, tocar seus vários corpos, cheirar seus inúmeros aromas e até provar os sabores dela e que dela brotam, a terra, além de ser este amontoado de matéria, configura-se um valor simbólico. Ela constitui-se em espaço vivido e vivenciado por grupos que nela constroem suas experiências de mundo, articulando a memória de seus antepassados com a recriação e reelaboração de suas tradições no cotidiano da atualidade.

Metáfora gasta, é na terra que se lançam raízes. Seus espaços de significação são múltiplos e polissêmicos: lugar de nascimento (raízes pessoais); lugar de pertencimento, de identidade (raízes grupais); lugar de crescimento, de socialização, de convivência, de relações familiares, sociais; lugar de tradições; lugar dos antepassados; lugar onde vivos e mortos que dão sentido a existências individuais e de grupos inteiros estão presentes no mesmo espaço de ligação com o mundo. Nesse território material, formado por relevos, cursos de rio, vegetação, minerais, além de prédios, estábulos, galpões, estão inscritas marcas imateriais profundas, modos particulares de apropriação e categorização dessa natureza, desse espaço ecológico.

Em comunidades específicas, em relação intensa com seu território e em constante diálogo com as marcas imateriais e materiais nele inscritas, são engendradas, articuladas e recriadas visões de mundo específicas. Esse território marcado, vivido, vivenciado, experimentado é o palco de uma organização social diferenciada, fruto das relações estabelecidas entre grupos de pessoas que compartilham uma identidade e bens simbólicos.

Ao mesmo tempo, é bem verdade, esse território é a fonte de sustento do grupo campesino nele radicado. Ele representa, também, o local que permite a reunião das condições para a reprodução e continuidade física do grupo como tal, através da agricultura, da criação de animais, da coleta de vegetais, da caça, da pesca, do beneficiamento de produtos... Daí, sua dupla importância.

Do ponto de vista ambiental, o território negro do Rincão dos Martimianos pode ser dividido em duas áreas nitidamente distintas: coxilhas e várzea. Essas áreas são cortadas pelo leito de uma estrada de chão batido, de uso local, que atravessa Martimianos, prolongando-se além dos seus limites.

A esta dicotomia ecológica correspondem padrões distintos de uso em termos de moradia e sustentabilidade, e que são socialmente relevantes e significativos.

A várzea do Rio Vacacaí-mirim, anualmente inundada na época das cheias, sempre foi usada tradicionalmente pelos membros da comunidade como local de caça e coleta de vegetais comestíveis e usados em práticas curativas. O próprio rio e sua margem, um dos limites físicos da área do Rincão dos Martimianos, foram usados para outras atividades comunitárias, de sustento ou não, como pesca, lavagem de roupas, lazer, etc., além das já citadas.<sup>72</sup>

Entretanto, o local de moradia, plantio, criação de animais domésticos, de uso continuado, sempre foi a área de coxilhas, acima da estrada, livre dos extensos locais junto à margem, que sofrem processos de inundação sazonal.

É, portanto, a várzea principalmente que irá sofrer variados tipos de processos de intenso assédio por indivíduos que fazem parte de grupos extracomunidade de Martimianos, uma vez que essas terras são extremamente apropriadas para o cultivo intensivo do arroz. Tais processos injustos, decorrentes da cobiça que essas férteis áreas despertaram, e ainda despertam, podem ser exemplificados por "arrendamentos verbais", muitas vezes obtidos sob sutil pressão dos arrendatários, conforme depo-

---

<sup>72</sup> Originalmente, a várzea do Vacacaí-mirim, e sua mata galeria, serviu a Martimiano Rezende de Souza e seus descendentes imediatos como local de retirada de madeira para a ferrovia.

imentos de membros da comunidade de Martimianos, donos da terra que, invariavelmente, cederam (e continuam cedendo) a estas estratégias de padrão injusto, recebendo pagamentos irrisórios pelo “negócio” efetuado, geralmente algumas sacas anuais de arroz não-beneficiado. Além disso, muitos espaços de várzea foram tomados da comunidade pelo uso de estratégias simples e mais comuns no campo do que se costuma pensar: pura e simples utilização de áreas não contratadas pelo arrendatário, principalmente daquelas que se localizam de permeio a áreas “arrendadas” de modo verbal e espoliativo.

Por outro lado, muitas compras foram realizadas em momentos, condições e com pagamentos que, hoje, os integrantes do Rincão dos Martimianos contestam veementemente.<sup>73</sup>

Assim que vem vindo o aperto, o cara vai vendendo um pedacinho de terra, o que tem. É assim que vão acontecendo as coisas. Igual, igual... a história de um é a história de todos. A mesma história daquele que foi vendendo, aquele que teve seu materialzinho, que tinha condições de trabalhar. Hoje, nós não temos. Através da doença, duma coisa ou de outra, da situação financeira. Então se a gente... O senhor tem um filho, o senhor vê que não tem nada pra colocar ali na mesa, o senhor vende a roupa do corpo. O senhor não quer. Uma coisa que nós temos orgulho, orgulho muito grande do nosso avô, é que o nosso avô fez isso aqui tudo trabalhando. Fez nada disso aqui roubando. Orgulho que nós temos dele, e vamos continuar tendo. Se nós fizer uma agulha sequer com o nosso trabalho, com a nossa força de trabalho [...]. Hoje, o senhor mesmo que tá nessa área, a pessoa honesta hoje não tá vivendo direito. Tá vivendo mal. Quando nós somos honestos, têm aqueles que se aproveitam daquilo ali, e aí é aonde nós vamos empobrecendo cada vez mais. Então é isso aí. Nossa história é essa aí. (João Pedro Lopes, Martimianos)

E, ainda:

Aquele tempo, como dizia o ditado, se atava o cachorro com lingüiça e o cachorro não comia lingüiça. Era honestidade demais. E a confiança, né? Aí foram matando no cansaço o colono que trabalhava pra eles. Isso foi... nos anos cinqüen-

---

<sup>73</sup> “- Eu não posso que o pai vendeu; ele vendeu porque precisava”. “- E também tu não sabe se pagaram a quantia certa, que valor era certo”. Diálogo entre Santa (filha de Atanázio e Servinha) com Adriana.

ta. Eu naquela época tinha uns sete, oito anos, naquela época. Eu estou com cinqüenta e oito. Só pra vocês terem uma idéia, eu tinha oito anos, fazia ferida na bunda no lombo do cavalo pra plantadeira. Pra puxar isso daqui. Rapaz, o outro irmão dele, os tios, quando ia um ia outro pra plantar arroz. [...] enxadinha, aí aquelas bixas de gente diante daquele solão quente, sofrendo. [...] Essa terra que era dos meus tios, e do pai que terminou de me criar. Doze hectares de terra pra comprar uma máquina a vapor, uma máquina com força de dez. Eles precisavam, eles tinham a terra e não podiam plantar. Então aí venderam aquela parte de terra pra poder comprar uma máquina a vapor e poder plantar. (João Pedro Lopes, Martimianos)

Além disso, a especificidade do território negro do Rincão dos Martimianos intensifica as possibilidades concretas dessas estratégias de padrão injusto, pois, sendo consensual o uso do solo entre os herdeiros de Martimiano Rezende de Souza, o uso de cercas e papéis praticamente é inexistente.

O critério para o plantio é feito de combinação entre os herdeiros, na forma de acordo. A gente não tem empregado. Se a Terezinha quiser vir de Porto Alegre e quiser plantar, ela planta porque é irmã. Se ela não plantar e nós plantarmos, ela leva igual o que tem plantado porque é parente, é herdeira... O direito para o uso da terra é dado, principalmente, aos parentes daqui. Se os que não estão aqui não plantarem, eles têm direito a levarem os produtos da terra. (João Izidoro Rezende de Souza, Martimianos)

Esse código interno de valores, respeitado por todos da comunidade, torna-se facilmente manipulável a partir de fora, através desde estratégias mais sutis até atos mais manifestos de força, perpetrados contra membros da comunidade.

O senso comum extracomunidade, carregado de estereótipos negativos e de preconceitos de toda ordem em relação aos negros do Rincão dos Martimianos, tende, senão a legitimar, ao menos a sedimentar como aceitável essa lógica espoliativa, centrada em atitudes e atos de não-respeito às diferenças.

## Identificação de seus limites

O reconhecimento dos principais pontos ou marcos indicativos dos limites do território negro do Rincão dos Martimianos aconteceu com a participação de vários membros da comunidade, desde crianças, adultos

e idosos. Na verdade, as pessoas pertencentes a essas duas últimas categorias de idade, principalmente os mais velhos, desempenharam papel decisivo na indicação desses pontos aos técnicos do Gabinete de Reforma Agrária (GRA/RS),<sup>74</sup> que fizeram uso da tecnologia GPS (Global Positioning System) nos seus trabalhos.

Pela comunidade de Martimianos, realizaram o reconhecimento João Izidoro Rezende de Souza, Irineu Pumes, Armando Rezende de Souza, João Araci Rezende de Souza, José Izidoro Rezende de Souza, acompanhados pelo adolescente Cléber de Souza Rosa e pelas crianças Cleovin e Lucas.

Esse processo de reconhecimento, que permitiu aos técnicos traçar o perímetro da área original do Rincão dos Martimianos, foi pleno de acontecimentos altamente significativos para a comunidade. Após muitos anos, vários espaços tomados desse território foram outra vez pisados; espaços cheios de sentido foram “retomados” por recordações de infância (caçadas, pescarias, brincadeiras), por lembranças de atividades comunitárias e/ou familiares (a lavagem e secagem semanal de roupa no Rio Vacacaí-mirim, que envolvia diversas famílias aparentadas e vizinhas, cujas mulheres, juntamente com seus filhos, “acampavam” durante um dia inteiro nas suas margens) e por memórias de trabalho que já não mais podia, atualmente, ser realizado nesses espaços tomados de seu território (agricultura na várzea, busca e coleta de ervas curativas, extração de vários tipos de vegetais).

Vários foram os momentos fugazes mas densos de emoção e plenos de memória, nos quais foram simbolicamente retomados, um a um, os espaços concretos tomados, através de vários processos que se pode qualificar, minimamente, de injustos, de seu território original.

Muitos, também, foram os momentos de perplexidade e impotente revolta diante da perturbação destrutiva ocorrida nas margens, na vegetação ciliar do Rio Vacacaí-mirim e na integridade de suas águas,<sup>75</sup> desde a expropriação das suas terras da várzea.

---

<sup>74</sup> Esses técnicos, conforme se vê nas plantas por eles elaboradas, usam o termo “quilombo” para designar o Rincão dos Martimianos, o que não corresponde à categoria nativa.

<sup>75</sup> “A água é puxada pelo motor do trator do rio Vacacaí-Mirim. Eles têm um veneno que eles estão colocando, agora, pra matar o arroz brabo. No ano passado, eles andaram botando o veneno com avião. Eles botaram um veneno forte que andou tonteando todo mundo aí. Isso cai lá, no rio, e mata peixe” – João Izidoro Rezende de Souza, Martimianos. “Antigamente, a gente trabalhava na lavoura de arroz, e tomava água de taipa e, hoje, é um perigo pelo veneno que é colocado na lavoura.. A gente está arriscado a beber e cair duro. Já é um perigo tomar a água dos poços, nas coxilhas. Temos um poço, aí, de 06 (seis) metros de fundura, mas que hoje é usado mais para lavar a roupa ou colocar na fossa, pois pra beber não dá mais porque está tudo envenenado” – Alziro Resende de Souza, Martimianos.

Ao final, a medição efetuada pelo Gabinete de Reforma Agrária do estado do Rio Grande do Sul, tendo como responsável técnico Fioravante Jackel dos Santos, registrou uma área de 96, 26733 hectares, conforme Mapa 1.

## A área concreta, o espaço simbólico e a constituição da Comunidade

A Comunidade rural negra do Rincão dos Martimianos, entretanto, desborda esta área física de 96,26733 hectares.

O processo de perda de parcelas significativas das terras dessa Comunidade negra, motivado por fatores de várias ordens – desde a pressão econômica até a especulação sobre suas terras mais férteis e produtivas –, engendrou outros mecanismos socioculturais que a ele se contrapuseram.

Um desses mecanismos é o da compra de pequenos lotes de terra no entorno da área física de Martimianos por parte de herdeiros. Esse fato, somado à existência de áreas contíguas aos 96,26733 ha da Comunidade, onde estão estabelecidos os descendentes da Maria Rufina, no local denominado “Beco”, geraram um alargamento territorial da Comunidade, extrapolando seus limites físicos, e deram origem a uma nova denominação para toda essa área, a de Rincão dos Martimianos, que engloba simbolicamente, pela força de seu nome, os demais descendentes de Martimiano Rezende de Souza, todos aqueles que tiveram que se ausentar da terra, mas a ela retornaram concretamente.

No entanto, por motivos econômico-financeiros óbvios, poucos realizaram tal façanha. Isso, em absoluto, não significa que os ausentes da terra tenham perdido suas referências socioculturais com o território negro de Martimianos. Não ser morador em terras da Comunidade não implica necessariamente em perda dos direitos à terra. O direito à “herança” está relacionado diretamente aos vínculos genealógicos estabelecidos desde o ancestral de referência e à não-venda desses direitos.

Outro mecanismo que vem se contrapondo, ao longo dos anos, ao processo de perda de suas terras, é a constituição, por parte dos herdeiros, de um espaço simbólico, de um espaço de identidade negra, de um espaço dos descendentes de Martimiano, que é revisitado, recriado e atualizado a cada visita ao espaço físico do Rincão dos Martimianos.

Esses momentos de retorno dos ausentes da terra são por eles vividos como períodos extraordinários, planejados, verdadeiros rituais, que extrapolam suas rotinas ordinárias, do dia-a-dia, que acontecem nas periferias de Porto Alegre (Bairro Restinga, Cidade de Cachoeirinha) ou de Restinga Seca. Esses momentos acontecem em datas especiais, festivas, nas quais

verdadeiras caravanas rodoviárias são empreendidas desde esses locais, por grupos de ausentes da terra que, coletivamente, alugam os meios de transporte para revisitar e atualizar seu espaço de referência sociocultural.

A ligação do mundo urbano – local ordinário dos ausentes da terra – com o mundo rural da Comunidade – espaço simbólico de referência negra –, apesar da distância física, dá-se concreta e dramaticamente durante as festas profanas – aniversários, casamentos, etc. – e sagradas – natais, dia dos mortos, etc. –, nas quais os vivos e os mortos são comemorados, homenageados e rememorados.

Percebe-se com esses exemplos que a categoria de territorialidade negra desborda, extrapola a noção física de terra. O elo dos ausentes da terra com a Comunidade negra permanece inabalável, apesar de seus mundos ordinários, seus dias rotineiros passarem-se fora dela. Sua ligação simbólica com ela é constantemente reafirmada e atualizada a cada visita a seu espaço físico.

Daí a constatação da extrema dinâmica social desse grupo negro. Constrangidos por uma ordem socioeconômica perversa, que estigmatiza sua condição de negro e avilta sua força de trabalho, muitos deixam a terra indo à procura de condições mais favoráveis. Desiludidos, os que podem voltar voltam. Os que não podem mantêm os elos familiares, emotivos, identitários com a Comunidade, revisitando-a constantemente em um ato ritual e coletivo de apropriação simbólica.

Segundo essa ótica muito dinâmica e flexível da constituição do Rincão dos Martimianos – categoria nativa que extrapola os 96,26733 ha –, hoje, ele está constituído por mais de 100 pessoas, agrupadas em seis grandes nucleações espaciais de residências, cujo critério aglutinador é o pertencimento a grupos de descendência originados a partir do ancestral de referência, Martimiano Rezende de Souza.

- Nucleação I – descendentes de Pedro Rezende de Souza (M0.8);
- Nucleação II – descendentes de Delfino Rezende de Souza (M0.4);
- Nucleação III – descendentes de Izidoro Rezende de Souza (M0.3);
- Nucleação IV – descendentes de Maria Joaquina Farias (M0.6);
- Nucleação V – descendentes de Matilde Alves da Silva (M0.1);
- Nucleação VI – descendentes de Rufina Alves da Silva Martins Pumes (S0.5).

A maior parte dos descendentes de Rufina está diluída entre os descendentes de Maria Joaquina, Izidoro e Matilde, habitando, portanto, nas nucleações a eles referentes. Donato Alves da Silva (neto de Rufina, filho de Cecília Pumes e Alvino Alves da Silva, este último filho de Matilde) parece ser o único que ficou em terras compradas por Rufina, além do “Beco”.

Na Nucleação V, dos descendentes de Matilde (M0.1), por exemplo, Terezinha Aparecida Lopes Paim, filha de Alzira Lopes e neta de Matilde,

apesar de não morar na “nucleação”, e sim em terreno “cedido” por Mário Bellé, que “se diz dono” da faixa de terra que leva o número sete no Mapa 2, anexado a seguir, faz uso das terras dessa “nucleação”, plantando mandioca juntamente com sua mãe.

Explicando o modo como os descendentes de Matilde organizam-se em relação aos seus direitos sobre a área, Terezinha Aparecida presta o seguinte depoimento: “Lá, eu planto mandioca com a mãe. Lá, cada um planta um pouco, quem quer plantar planta. Nós vivemos em acordo. Não tem parte definida. Cada um pode usar a área”.

## Áreas ocupadas por não-herdeiros

Aproximadamente metade dos 96,26733 ha da Comunidade de Martimianos está ocupada por pessoas estranhas a esses grupos de descendência. Conforme depoimentos de alguns herdeiros, cujos nomes preferimos resguardar, grandes porções dessa área estão ocupadas de modos considerados ilegítimos pelos herdeiros de Martimiano. Estes últimos alegam que, mesmo nos casos nos quais há documentação dessas compras, esses documentos não cobrem as áreas em realidade ocupadas pelos compradores, as quais, geralmente, excedem em muito o concretamente utilizado.

Sempre segundo os interlocutores-herdeiros, esse fato deve-se a compras irregulares, não consideradas boas,<sup>76</sup> como, também, é oriundo de má-fé de compradores e/ou arrendadores de terras da Comunidade, que, utilizando-se de estratégias várias,<sup>77</sup> foram, pouco a pouco, apropriando-se de áreas dos herdeiros.

A partir desse ponto de vista, o dos interlocutores-herdeiros, elaboramos um esboço das áreas ocupadas por não-herdeiros, a partir do mapa da Comunidade de Martimianos, já citado (Mapa 1), elaborado pelo GRA/RS. Esse esboço é apenas referencial, baseado nas informações dos herdeiros, sem respeitar qualquer tipo de proporção. Quando colhíamos os

---

<sup>76</sup> Compras em momentos de “necessidade”, realizadas a preços irrisórios, nas quais os compradores teriam exercido uma pressão oriunda de seu prestígio social e poderio econômico, caracterizando um padrão injusto imposto ao herdeiro negro.

<sup>77</sup> Uso de porções de terra nas coxilhas, sem o consentimento formal dos herdeiros, por exemplo, mas “reconhecendo” a propriedade dos mesmos; uso de “fatias” não arrendadas de terra na várzea, sem o consentimento dos herdeiros, para plantar arroz (“fatias” essas que ficam entre áreas “arrendadas” e/ou “compradas”). Essas situações, com o tempo, tenderam a se efetivar, a posse dessas áreas tendo passado para mãos de não-herdeiros.

dados para elaborá-lo, surgiu a categoria nativa designada como “se diz dono”, que respeitamos e registramos, quando necessário, no Mapa 2.

### **Não-herdeiros**

1. Cândido Alves Fagundes (4 ha);
4. Generaldo Joras (ocupa 4 ha; no “papel” consta 2 ha);
5. Darci Fagundes (tem “papéis” de 16 ha – comprou de Martimiano Filho, João, Abelino e Maria Florisbela –; ocupa cerca de 24 ha);
7. Mário Bellé (“se diz dono”; 4 ha);
10. Mário e Érico Bellé (compraram de Atanázio Rezende de Souza);
11. Mário Bellé (“se diz dono”; teriam sido vendidos para Érico Bellé a fim de pagar os custos da escritura de Martimianos);
13. Mário Bellé (“se diz dono”).

### **Herdeiros**

2. Descendentes de Matilde Alves da Silva (Pumes);
3. Descendentes de Matilde Alves da Silva (Maria Iraci Lopes, casada com João Pedro Lopes – filho de Maria Florisbela; Alzira Lopes – filha de Matilde);
6. Descendentes de Maria Joaquina Farias (Ironi Pumes, casado com Eva Neli Farias Pumes);
8. Descendentes de Izidoro Rezende de Souza (João Izidoro e Alziro);
9. Descendentes de Manoel Rezende de Souza (Paulo Geraldo Rezende de Souza (toda a área arrendada para Mário Bellé);
12. Descendentes de Delfino Rezende de Souza (Armando);
14. Descendentes de Pedro Rezende de Souza (José Adriano – 17 ha; arrenda para Mário Bellé);
- A – Sérgio Paim (casado com Terezinha Aparecida, filha de Alzira Lopes – filha de Matilde – e de José Américo – filho de Maria Florisbela).

## **Lindeiros da Comunidade**

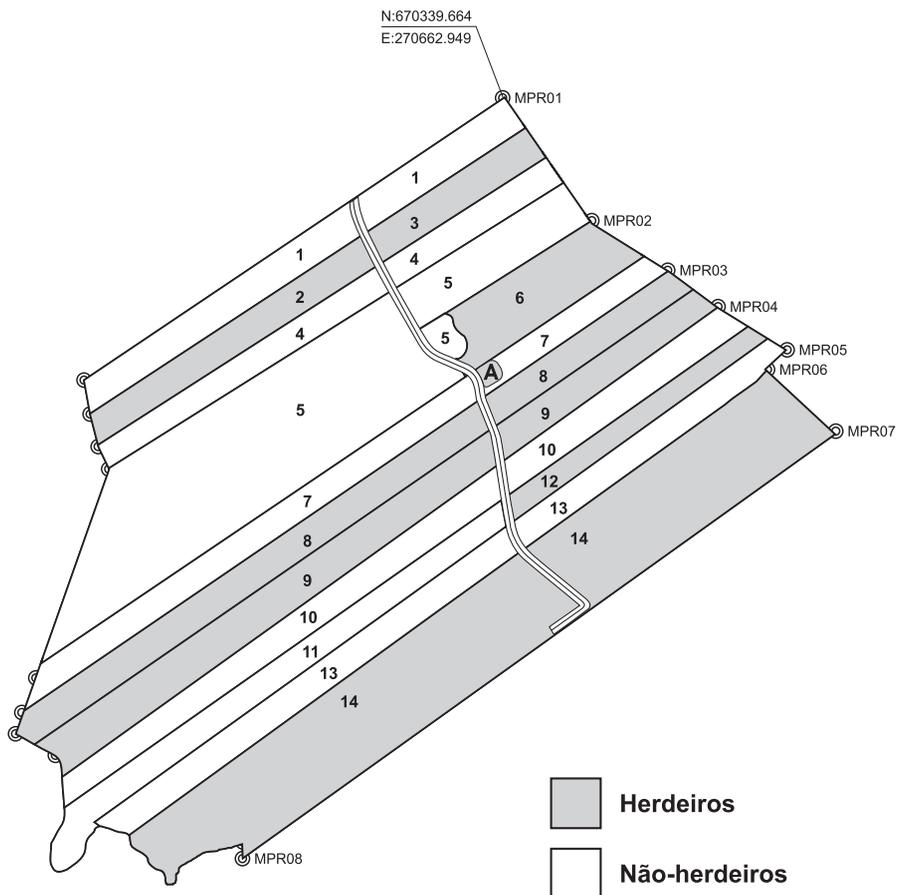
Também a partir do mesmo mapa técnico do GRA/RS (Mapa 1), esboçamos, igualmente com as mesmas ressalvas anteriores, a localização dos lindeiros da área da Comunidade de Martimianos (Mapa 3).

**Mapa 1 - Perímetro da área da Comunidade negra rural de Martimianos, segundo mapa do Gabinete de Reforma Agrária do RS (Resp. técnico Fioravante J. dos Santos)**



		<b>ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL</b> <b>GABINETE DE REFORMA AGRÁRIA</b> DIVISÃO AGRÁRIA SEÇÕES DE TOPOGRAFIA E GEOPROCESSAMENTO			
COD. IMÓVEL		IMÓVEL		ÁREA	
NOME DESENHO Martimianos_perim		QUILOMBO MARTIMINIANOS PERÍMETRO		96,26733 ha	
DATA FEV/2002		MUNICÍPIO/UF RESTINGA SECA/RS		PERÍMETRO 4346,090 m	
FONTE  GRA		RESP. TÉCNICO FIORAVANTE JAEKEL DOS SANTOS CREA Nº 83146		ESCALA 1:10.000	
		CONFERE		VISTO	

**Mapa 2 - Localização aproximada das áreas correspondentes a herdeiros e a não-herdeiros, Comunidade de Martimianos, a partir do mapa de perímetro**



**Mapa 3 - Localização dos lindeiros da Comunidade de Martimianos, elaborado a partir do mapa de perímetro (Mapa 1), conforme os depoimentos de interlocutores da Comunidade**

